

ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A TEORIA FREUDIANA E A LOGOTERAPIA SOBRE JULIETTE M. NO LIVRO “POR QUE EU”?

COMPARATIVE STUDY BETWEEN FREUDIAN THEORY AND LOGOTHERAPY IN THE STORY OF JULIETTE M. IN THE BOOK “WHY I”?

Samara da Silva Brito¹

RESUMO

Este trabalho consiste no estudo comparativo entre a teoria freudiana e a logoterapia, acerca do relato de Juliette que é portadora de HIV, baseado no livro “Por que eu?”. Para a Psicanálise, Juliette apresentava características narcisistas e era motivada por seu inconsciente a realizar atos contrários à moralidade que seguem impulsos sexuais na busca do poder. Após contrair o vírus e encontrar-se bastante debilitada em decorrência da AIDS, ocorre uma mudança de valores na vida da autora. A partir da logoterapia, Juliette pôde enfrentar a sua doença em razão de sua dimensão espiritual, moldando as circunstâncias de sua vida e encontrando um sentido para essa.

RESUMO

This work consists of a comparative study between Freudian theory and logotherapy, about Juliette's account of HIV, based on the book “Por que eu?”. For Psychoanalysis, Juliette had narcissistic characteristics and was motivated by her unconscious to perform acts contrary to morality that follow sexual impulses in the pursuit of power. After contracting the virus and finding herself very weak as a result of AIDS, there is a change of values in the author's life. Through logotherapy, Juliette was able to face her illness due to its spiritual dimension, shaping the circumstances of her life and finding meaning for it.

Palavras-Chave: envelhecimento, logoterapia, renascer

¹ <http://lattes.cnpq.br/5989651677724855>

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste no estudo comparativo entre a teoria freudiana e a logoterapia, de um caso clínico de uma portadora de HIV, baseado no livro “Por que eu?”. O estudo tornar-se-á confiável visto que o livro relata uma confissão de Juliette M. que descreveu de maneira fidedigna e sem pudores suas situações vivenciadas, tornando-se uma jornalista que faz uso do sexo para conseguir ascensão em seu trabalho, tal fato apenas é repensado pela autora quando soube de sua condição de ser soropositiva.

As características mais fortes da personalidade de Juliette serão estudadas com base nos princípios da psicanálise freudiana fazendo uso principalmente da teoria da Libido, do conceito de Narcisismo, dos papéis do “Id”, “Ego” e “Superego”, e a Pulsão de Morte. Já a logoterapia se contrapõe à psicanálise que vê o homem submisso à força dos impulsos. Frankl afirma que o homem é consciente de suas responsabilidades e deve encontrar o sentido vital. Insatisfeita com sua vida, Juliette abusou de sua liberdade, indo além do concebível pela sociedade. Contrariando Freud, Frankl acredita que o homem não somente possui uma sexualidade reprimida, como também é um ser com uma religiosidade inconsciente. Juliette passou por uma frustração existencial ao ser comprovada sua patologia, porém, ao ter se redimido pedindo desculpas a algumas pessoas contaminadas por ela, revela uma dimensão espiritual.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Psicanálise

A psicossomática psicanalítica se deve ao fato de que os estudos formulados por Freud buscam unir mente e corpo, dessa forma, não teria como haver uma dissociação do somático com o psíquico (JESUS, 2004). As doenças patológicas são tratadas da maneira causa e efeito,

ou seja, observa sintomas específicos e indica o melhor tratamento (HERRMANN, 1984). Freud teve o estudo da histeria como base, onde percebeu a existência de um conflito inconsciente que, através de variados mecanismos de defesa, apareciam como sintomas somáticos. A psicanálise veio desconstruir essa concepção de causalidade, visto que o autor acreditava que as mudanças psíquicas e somáticas ocorriam quase simultaneamente (JESUS, 2004).

Freud estabeleceu três instâncias psíquicas que conflitam entre si numa esfera inconsciente, e refletem nas ações do indivíduo: id, ego e superego. O id atua sempre na busca do prazer, estando relacionado às ações impulsivas. O ego, apesar de não atuar conscientemente, representa a realidade, procurando aplicar as influências que recebe do meio ao princípio do prazer que reina no id. O ego representa os valores morais, os costumes sociais que buscam manter uma ordem que vai contra os impulsos do id. Em uma explicação bastante simplória, o id busca o prazer; o ego representa a realidade e o superego a moralidade (FREUD, 1923).

Freud (1917) ainda formulou a Teoria da libido, na qual afirma que a libido pode ser investida no próprio ser ou em um objeto. É o que denomina respectivamente de libido do ego e libido objetual e o narcisismo seria uma extensão da teoria da teoria da libido. O autor denomina narcisismo como sendo a forma de distribuição libidinal que consiste na fixação da libido ao próprio corpo e à personalidade da pessoa, o que não proíbe os narcisistas de também investirem libido nos objetos, visto que a satisfação proporcionada pelo objeto faz parte das necessidades do ego. A escolha objetual, feita após o estado de narcisismo, pode realizar-se segundo o tipo narcísico – o ego da pessoa substituído por um outro o mais semelhante possível – e segundo o tipo ligação – que tem como escolha libidinal as pessoas que se tornam valiosas porque satisfizeram as outras necessidades vitais.

No decorrer da vida do indivíduo, dois instintos se esforçam para restabelecer um estado de coisas que foi perturbado pelo surgimento da

vida: a pulsão de morte, que tenta conduzir a vida orgânica de volta ao estado inanimado; e a pulsão de vida, que provoca vitalidade, e age contra a conformação da morte (FREUD, 1923). Se não existisse a pulsão de vida, as pessoas estariam sujeitas à morte pela falta de motivação da realizar qualquer tarefa que contribuísse para a continuidade de sua vida.

2.2. Logoterapia

A logoterapia vem inovar a linha psicológica por considerar o homem como ser bio-psico-sócio-espiritual, atribuindo grande importância à dimensão noética. Diante da logoterapia (logos é sentido, e terapia é cura), a vida tem seu próprio sentido -o supra-sentido-, e diante de uma possível falta de perspectiva de vida, surge um vazio existencial que pode ocasionar em psicopatologias. Quatro fatores regem as preocupações dos homens, são: a morte, a liberdade, o isolamento e a falta de sentido. A morte é o limite da vida, e é este conhecimento que impulsiona o homem a ser responsável, acarretando na busca de um “para que” viver através de suas escolhas, vivenciando experiências e sentimentos intransferíveis (GOMES, 1992).

A essência da existência é a auto-realização como efeito da autotranscendência, criando um trabalho ou praticando um ato, experimentando algo ou conhecendo alguém ou pela atitude que tomamos frente a um sofrimento inevitável. Encontrar o sentido no amor é mostrar ao seu parceiro o que ele tem capacidade de ser e fazer. Para que o sofrimento tenha sentido é preciso transformar uma tragédia pessoal num triunfo, porém, não é dele que surge o sentido vital, mas como já foi dito, a própria vida tem seu sentido (FRANKL ,1991). A busca pelo significado da vida tem por fim perceber todos os fatos como sendo suportáveis, até mesmo nas situações limite de doenças, perdas e outros (FABRY, 1988).

Para Frankl o homem tem a sua liberdade de escolha, e não tê-la seria também uma escolha. Estas escolhas são realizadas como

conseqüência da responsabilidade para com a vida, inerente em todo ser, já que este tem consciência de sua finitude (GOMES, 1992).

Pensar a respeito sobre a liberdade e responsabilidade, traz consigo a questão valorativa. O significado da vida muda de pessoa-pessoa e de lugar-lugar, e nossa consciência também estará ligada aos valores sociais (FABRY, 1988).

Na logoterapia, a autotranscendência é a capacidade que todo indivíduo tem de ir além de si mesmo, ou seja, é um 'eu aberto', e só há um 'eu' porque este se confronta com o mundo. A forma de tratamento de Frankl não era conceitual, mas sim vivencial, visto que todas as pessoas têm um 'para que viver' e que todo homem é sempre um 'poder ser' (MORENTE, 1980).

3. DISCUSSÃO

A princípio deve ser percebido que as duas escolas aqui abordadas, a Psicanálise e a Logoterapia, divergem em vários sentidos. De forma sintética, Freud descobriu no homem a vontade de prazer, considerando a dinâmica dos impulsos; já Frankl, a vontade de encontrar o sentido da vida muitas vezes desprovida de propósito, contribuindo dessa maneira para alívio dos sofrimentos psicossomáticos e frustrações espirituais. Portanto, não existirão em todos os momentos do trabalho, interpretações paralelas, entre as duas teorias, de um mesmo estado emocional da autora, mesmo porque cada teoria prioriza diferentes aspectos da vida da pessoa humana.

A autora desde a infância demonstra um alto grau de autoconfiança, uma necessidade de ser amada, preocupação com sua saúde, aparência e inteligência - necessidades supridas em parte pelos elogios da avó. Estas seriam para Freud características de um comportamento narcisista. Para Frankl, seria a carência de um suprasentido devido a falta de segurança em suas atitudes, necessitando de opiniões da sua avó que tirava as responsabilidades da neta, gerando um sentido provisório, mas não vital, e causando novas frustrações existenciais.

No momento em que Juliette se deparava com histórias negativas de outrem, esta dizia que tais fatos não iriam lhe acontecer, acreditando estar imune a doenças e negando a possibilidade de morte. Diante da negação de que a vida é limitada pelo tempo, Frankl afirmaria que Juliette não teve responsabilidades em suas atitudes, sucumbindo ao prazer e poder, fazendo uso do sexo para obtenção de ascensão na sua carreira. Freud relacionaria esta idéia de invulnerabilidade ainda à questão narcisista, enquanto que o método utilizado para progredir – o sexo – seria decorrente da ação do id na busca do prazer, a maneira prazerosa de atingir suas ambições. A logoterapia identifica, assim, o abuso do sexo e do poder – como reação à falta de um sentido para a existência, enquanto que para Freud seria a continua busca pelo prazer, que muitas vezes saiu do controle, através do id predominando nos conflitos com o ego e superego. Refletindo psicanaliticamente um pouco mais sobre a estreita relação entre prazer e poder na vida da autora, entendemos que, por suas características narcisistas, Juliette direcionava grande parte da sua libido ao ego, sentindo prazer a partir do prazer que era capaz de proporcionar. A libido objetal de Juliette estaria direcionada a parceiros poderosos e ao seu poder na relação.

O cotidiano de culto à imagem, busca de satisfação sexual e realização de ambições em que consistia a vida de Juliette foi rompido quando recebeu um telefonema anônimo a alertando de que certamente teria contraído o vírus HIV através de um antigo parceiro que havia ajudado muito em sua carreira jornalística. A AIDS se alastrava na época, especialmente entre aqueles que mantinham relação sexual com vários parceiros e entre homossexuais, como era o caso de Juliette.

Inicialmente resistiu a acreditar que estaria doente. Para Freud, Juliette estaria fazendo uso de um mecanismo de defesa do ego: a negação. Ao ir ao médico e comprovar sua soropositividade, chegou a tentar suicídio, mas não teve coragem ou a covardia de acabar com a própria vida. Analisando sob o ponto de vista da psicanálise, essa desistência ao suicídio seria a vitória da pulsão de vida sobre a pulsão

de morte. Enquanto que para a logoterapia, o suicídio seria resultado do encontro de sofrimento de Juliette no momento da descoberta da doença.

Juliette opta por continuar a vida agindo como se não fosse portadora do vírus, passando a intensificar suas atitudes: produzia-se mais, trabalhava com mais afinco e fazia mais sexo, tanto quanto fosse procurada. Não seguia as orientações médicas do uso da camisinha, pois acreditava não ser justo proteger seus parceiros se nenhum a havia protegido, além de temer que com isso alguém suspeitasse de seu estado de saúde. Sentia que passando o vírus para outras pessoas este saísse de seu corpo. Para a psicanálise, essas ações misturavam vingança com auto-afirmação.

O fato de Juliette transmitir o vírus seria manifesto do instinto de vida sobre o instinto de morte, que a fazia ficar em casa se cuidando e proteger seus parceiros. O impulso que motivava Juliette ao sexo teria como finalidade extinguir a perturbação ocasionada pela soropositividade e restabelecer o equilíbrio que existia antes da doença. Por outro lado, para logoterapia Juliette não estaria sendo autêntica consigo mesma e nem com os outros, contaminando as pessoas que lhe procuravam, a fim de que por alguns instantes ela pudesse sentir-se ainda viva, capaz de seduzir e dar prazer, tentando inutilmente provar que a vida estava ganhando da morte. Esse limite deveria ter sido construído com base em seus valores éticos e sua responsabilidade pessoal, entretanto, a autora levava uma vida desregrada, ignorando qualquer tipo de padrão social.

Com o avanço da doença e o surgimento dos primeiros sintomas, Juliette reflete a respeito da vida que construiu. A deficiência imunológica provocada pela AIDS agride mais que os anticorpos, conseguindo atingir as crenças, os valores, fazendo ruir a idéia de mulher perfeita que Juliette tinha de si e a induzindo a refletir sobre sua vida e questionar qual a real importância do poder, da beleza, da imagem construída por ela se em pouco tempo não passaria de uma

aidética sozinha internada em algum hospital. Para a logoterapia, Juliette se viu vivenciando um isolamento existencial e queria por si só encontrar o sentido da vida, mas não compreendia que era a própria vida quem a estava indagando sobre este sentido. Diferente da psicanálise, a logoterapia diz que o homem possui livre arbítrio. Sendo assim, a contaminação de Juliette não seria algo pré-determinado, mas ocasionado por ela mesma na liberdade de seus atos. A psicanálise não apresenta uma teoria que poderia ser precisamente utilizada na explicação desse momento da vida de Juliette. O que podemos comentar a esse respeito é que ocorre uma mudança na dinâmica psíquica da autora, não sendo mais o id o principal responsável por suas ações.

Num dos momentos de maior debilidade física e psíquica, Juliette aceita que existe uma força que atua sobre as pessoas, talvez Deus, e deixa a cargo dessa força a culpa por estar contaminando e chega até a implorar a cura de sua enfermidade. A psicanálise não acredita na existência de uma dimensão espiritual, portanto, Juliette teria sentido a necessidade de fantasiar um poder acima de si mesma (apesar de seu narcisismo) para não sentir culpa além da que já sentia por ter levado uma vida tão desregrada. Contrariando Freud, Frankl acredita que o homem tem uma religiosidade inconsciente. Juliette, quando passou por uma frustração existencial ao ser comprovada sua patologia no final da sua vida, tentou se redimir pedindo desculpas a algumas pessoas contaminadas por ela, revelando tal dimensão espiritual antes latente.

Para a logoterapia, a AIDS teria sido para o final da vida de Juliette o porquê de suas reflexões sobre a vida. Escrevendo seu livro, procurou transpor suas frustrações, seus medos, seu abuso da liberdade, sua solidão, sua carência de afeto, conferindo um novo sentido para a vida. Escrever foi para ela uma forma de aliviar sua dor, e encontrar um sentido nesse sofrimento, com o intuito de fazer os leitores examinarem o seu próprio conteúdo, fazendo assim, assumirem uma postura mais autêntica, mais responsável, tendo a liberdade como um fator constituinte de sua vida, compreendendo que todo indivíduo é

limitado pela morte, devendo diante disso encontrar o verdadeiro sentido vital.

A família passa também pelos mesmos estágios que o paciente terminal e a forma de enfrentamento é uma característica individual, podendo alguns ser mais fortes do que outros. Entretanto, podem surgir diversos sentimentos, tanto de medo e impotência quanto, até mesmo, de luto antecipatório.

De acordo com Le Shan, afirma que pacientes terminais devem fazer um “desligamento das pessoas e objetos amados”, mas fazendo lembrar que o mais importante é a qualidade de vida e não o tempo que foi vivido.

Por fim, é importante nesses casos haver um trabalho psicoterápico, deixando o paciente falar livremente sobre o assunto que for de seu interesse, e não sugerindo temas específicos, inclusive sobre a morte.

4. CONCLUSÃO

O paralelo entre a psicanálise e a logoterapia, apresentado neste painel, trazem elementos de grande relevância, visto que a proposta inicial foi verificar suas relações e divergências tomando como base o livro “Por que eu?”.

O livro gira em torno das reflexões de Juliette sobre o porquê de ter contraído o vírus HIV e repensando sobre suas atitudes. Em suma, para a Psicanálise, Juliette apresentava características narcisistas e era motivada por seu inconsciente a realizar atos contrários à moralidade que seguem impulsos sexuais na busca do poder. Após contrair o vírus e encontrar-se bastante debilitada em decorrência da AIDS, ocorre uma mudança de valores na vida da autora. A partir da logoterapia, Juliette pôde enfrentar a sua doença em razão de sua dimensão espiritual, moldando as circunstâncias de sua vida e encontrando um sentido para essa.

Ao se tratar da 1ª e 3ª escolas vienenses, Psicanálise e Logoterapia respectivamente, não foi possível em todas as passagens do livro, manter um paralelo sobre um determinado aspecto característico da autora. Porém, este trabalho consistiu em transformar estas diferenças entre as teorias em complementações, apesar de não ser possível generalizar as atitudes de Juliette por se tratar de um depoimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FABRY, Joseph. Aplicações práticas da Logoterapia. São Paulo: ECE, 1990.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**. Um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Editora Sinodal, 1991.

FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. A teoria da libido e o narcisismo. Volume XVI. Imago, 1916 – 1917.

FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. As duas classes dos instintos. Volume XX. Imago, 1923 – 1925.

FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. O id e o ego. Volume XVI. Imago, 1916 – 1917.

GOMES, José Carlos Vitor. **Logoterapia**: A psicoterapia existencial humanista de Viktor Frankl. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HERRMANN, Fábio. **O que é Psicanálise**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

LUKAS, Elisabeth. **Logoterapia**: “A força desafiadora do espírito”. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

M. Juliette. **Por que eu?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

MORENTE, Manuel Garcia. Fundamentos de filosofia: lições preliminares. 8. ed. São Paulo: Mesyre Jou, 1980.

JESUS, C. F. D. **Sobre os males do corpo** (2004). Disponível em:
http://ppg.psi.puc-rio.br/uploads/uploads/1969-12-31/2004_0653a6f08cb1b6c03eff95a73fb3d1df.pdf. Acessado em:
29/11/22.